

4

Fundamentos teóricos e metodológicos da ordem sociointeracional e dos processos discursivos

“As pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio e nos discursos dos outros.”

Shotter e Gergen, 1989, p. ix

Neste capítulo, trataremos de fundamentos de ordem sociointeracional dos processos discursivos a partir de ferramentas teórico-analíticas do discurso na fala-em-interação. Discutiremos a natureza da Teoria do posicionamento e seus desdobramentos, como: a tríade caracterizada pelos estudos sobre posição, posicionamento e *storylines*; tipos de posicionamentos; posicionamentos individuais e coletivos. O instrumental teórico e analítico articula a relação interpessoal na teoria da face e da polidez e questões sobre a mitigação. Indexais, *accounts* e metáforas são apresentados como mecanismos de contextualização enquanto ferramentas retóricas para a construção de posicionamentos.

O objetivo deste capítulo é estudar o caráter sociointeracional do processo de interação entre participantes de uma situação social, a coconstrução de posicionamentos no curso das entrevistas de pesquisa, a fim de associá-lo com o comportamento linguístico contextualizado de como os indivíduos compreendem e negociam a construção de identidades individuais e coletivas em uma interação face-a-face.

4.1

Teoria do Posicionamento e seus desdobramentos

Trataremos nas seções subsequentes sobre a natureza da Teoria do Posicionamento em seu caráter discursivo, sociointeracional, socioconstrucionista, nos posicionamentos individuais e coletivos, e em sua relação com as pistas

discursivas que contribuem para a análise de construção identitária dos indivíduos, em entrevistas de pesquisa.

A Teoria do Posicionamento e a construção de discursos de identidade (Moita Lopes, 2003) são conceitos que estão atrelados, pois, a partir de ambos, consideramos que o indivíduo está discursivamente, em relação a si mesmo e ao(s) outro(s).

Para Moita Lopes (2003, p.19), a construção da identidade é algo dinâmico e instável que, a partir do/no discurso, de uma interação e ação em um determinado contexto, localiza e posiciona o sujeito de modo singular como tal pessoa, ou como tipos diferentes de pessoa ao mesmo tempo, podendo mudar de momento em momento na interação, de contexto para contexto.

O si mesmo é construído em discursos e a seguir re-experenciado dentro dos textos da vida cotidiana e, portanto reposicionado ou transformado. É assim que as pessoas têm identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias. (Moita Lopes, 2003, p.20)

A partir da citação acima, podemos observar a relação entre as construções identitárias no discurso e a Teoria do posicionamento. Também Van Langenhove e Harré (1999) apresentam a natureza discursiva e socioconstruída dos posicionamentos na relação com os grupos a que pertencemos e nas atividades que desenvolvemos. Referem-se a um pertencimento e a uma organização de si como forma de se construir a partir das relações dialógicas.

Davies e Harré (1990, p. 47) definem posicionamento como um processo discursivo onde *selves* são situados em uma conversa enquanto participantes em situações de interação. O conceito de posicionamento pode ser utilizado em uma análise sociointeracional linguisticamente orientada, acentuando o aspecto dinâmico e negociado do encontro face-a-face em oposição a conceitos estáticos, determinísticos e ritualísticos de construção identitária.

A Teoria do Posicionamento de Van Langenhove e Harré (1999, p.4) foca também na compreensão do fenômeno psicológico produzido no discurso, que consideramos do ponto de vista da coconstrução da intersubjetividade (Schiffrin, 1994, p. 389). O ponto inicial é a ideia de que a vida cotidiana emerge fragmentada no discurso em episódios distintos que se constituem como elementos básicos de nossas biografias e do mundo social. A Teoria do Posicionamento está relacio-

nada à maneira explícita e implícita de como as pessoas agem em relação uns aos outros, abrindo espaço para o caráter relacional da teoria.

Na perspectiva da Teoria do Posicionamento o fenômeno conversacional é visto como uma forma de interação social localizada. Sendo assim, para Davies e Harré (1990, p.45) a partir de ‘práticas discursivas’ interacionais os indivíduos produzem realidades sociais e psicológicas, aqui entendidas do ponto de vista da coconstrução da intersubjetividade.

Segundo Harré *et al.* (2009, p.9), a Teoria do Posicionamento foca nos moldes normativos em que as pessoas vivem, pensam, sentem e atuam, com crenças sobre os direitos e deveres durante o processo de interação e as práticas compartilhadas em que estas crenças acontecem. Os autores destacam questões de conflito que podem emergir de pressuposições normativas e morais em situações interacionais situadas, especialmente, aquelas que envolvem diferenças culturais (p. 11).

Baseados no caráter interacional em que as práticas discursivas são produzidas e, conseqüentemente, na construção de posicionamentos identitários de forma relacional em uma conversa, pode-se associar a Teoria do Posicionamento aos estudos de natureza socioconstrucionista. O viés socioconstrucionista do posicionamento vincula-se à linguagem e ao mundo social considerando o significado que atribuímos às coisas, as pessoas e a nós mesmos como fabricações sociais (Moita Lopes, 2009, p. 16).

A ligação entre os estudos de natureza socioconstrucionista e a Teoria do Posicionamento se dá na medida em que o que as pessoas fazem pública e privadamente é direcionado a algo além de si mesmo e que as pessoas são, para si mesmas e para os outros, um produto de interações interpessoais sobrepostas (Harré e Van Langenhove, 1999, p.2).

4.1.1

A tríade: posição, posicionamento e *storyline*

Harré e Van Langenhove (1999, p.16) apresentam a tríade posição, posicionamento e *storyline* (linhas de história) como uma estrutura analítica que propõe a mútua influência entre esses elementos, ao longo das práticas discursivas, a fim de desvendar os episódios sociais. A mudança de um destes componentes ao longo

dos processos discursivos pode influenciar a interpretação dos outros componentes desta tríade.

Na teoria do posicionamento, os conceitos de posição e posicionamento foram introduzidos como metáforas a fim de representar como as pessoas se apresentam enquanto participantes que interagem para produzir *storylines*. A Teoria do posicionamento foca nos direitos, deveres e obrigações que os falantes possuem particularmente e a força ilocucionária do que é dito.

Adotar uma posição envolve o uso de estratégias retóricas em que o falante ou o outro são apresentados como representantes de diferentes relações, incluindo: relações de poder, de competências, de valores morais. Toda e qualquer posição existe de forma recíproca a uma outra de natureza discursiva. Posições emergem naturalmente de contextos conversacionais e sociais e podem ser reclamadas por seus atores exigindo assim o reposicionamento de determinado ator social, permitindo que sejamos posicionados e que posicionemos o outro ao longo da interação.

Interações apresentam linhas de histórias e as posições que as pessoas assumem ao longo da interação estão relacionadas a estas. Por exemplo, uma pessoa que assume a posição de professor pode assumir a linha de história de instrução, de correção, congratulação e repreensão. Sendo assim, assumir uma posição envolve adotar ações e um discurso coerente com tal posição. As posições, assim como os atos de posicionamentos são contestáveis e efêmeros e podem ser disputados e também se tornar assunto da disputa.

Com base nas seções anteriores, observamos o estudo da Teoria do Posicionamento enquanto construção discursiva de *storylines*, que tornam inteligíveis as ações e determinam o ato social nos quais participantes de uma conversa assumem posição específica podendo ser alterada de acordo com o contexto (Harré e Van Langenhove, 1999, p.16).

4.1.2 Tipos de posicionamentos

Com o intuito de representar o caráter dinâmico da Teoria do posicionamento, Davies e Harré (1999, p.37) apontam para os processos de (a) posicionamentos interativos e (b) posicionamentos reflexivos, levando em conta a dinâmica

do processo discursivo construído pelas pessoas ao longo da interação em que um ao se posicionar pode, automaticamente, posicionar o outro.

Van Langenhove e Harré (1999, p.20) fazem distinções analíticas em relação ao posicionamento, que, juntas, definem algumas das possíveis formas em que o posicionamento ocorre enquanto prática discursiva. São elas: (a) posicionamento de primeira e segunda ordem; (b) posicionamento performativo e explicativo; (c) posicionamento moral e pessoal; (c) posicionamento de *self* e de outro; (d) posicionamento tácito e intencional.

Um posicionamento de primeira ordem refere-se à maneira como o sujeito se posiciona ou posiciona os outros dentro de um mesmo espaço moral, empregando diversas categorias e linhas de histórias. Se este posicionamento não for assumido por uma das partes envolvida no discurso, gerando uma quebra n ritual, ocorre um posicionamento de segunda ordem.

Quando um posicionamento de primeira ordem for contestado, nova negociação ou revisão deve acontecer, passando a um posicionamento performativo (Van Langenhove e Harré, 1999, p.20).

Os posicionamentos explicativos podem ocorrer a partir da conversa original, de primeira ordem, suscitando uma explicação sobre esta, ou também um posicionamento de segunda ordem. No entanto, se o posicionamento explicativo for feito a partir do desenvolvimento de uma nova discussão fora da discussão inicial, ou do posicionamento de primeira ordem, classifica-se como posicionamento de terceira ordem.

Quando as pessoas são posicionadas por outros e posicionam-se, seus atos incluirão questões de posicionamento moral e pessoal a fim de dar maior inteligibilidade às posições que as pessoas ocupam em relação à ordem moral de aspectos da vida social. O posicionamento moral se refere às posições assumidas pelas pessoas que dizem respeito a papéis como professor/aluno, médico/paciente, mãe/filho. Um posicionamento relacionado a atributos individuais e particularidades é chamado de posicionamento pessoal. Se não houver inteligibilidade do posicionamento moral, maior será o posicionamento pessoal.

Como posicionamentos são construções discursivas, ao nos posicionarmos (posicionamento do *self*), obrigatoriamente posicionamos o outro, em um ato recíproco, que inclui um posicionamento moral e um pessoal. Isso significa dizer que

os posicionamentos têm natureza interacional e relacional, caracterizando a interdependência entre o posicionamento de *self* e do outro.

Em situações de posicionamento intencional, Van Langenhove e Harré (1999, p.23) distinguem quatro possíveis contextos, todos relacionados com a forma de interpretação direcionada pelo iniciador e considerados como produtos das dimensões de posicionamento performativo/explicativo do *self* e do outro:

- (a) situações de posicionamento deliberado do *self*;
- (b) situações de posicionamento forçado do *self*;
- (c) situações de posicionamento deliberado do outro;
- (d) situações de posicionamento forçado do outro.

Os autores argumentam que é preciso considerar questões que indiquem que um indivíduo se posicionou ou posicionou outro: (a) palavras utilizadas podem conter imagens e metáforas que invocam maneiras de ser; (b) os participantes podem não estar cientes disso e podem acreditar que é uma maneira de falar naquele tipo de encontro social; (c) a maneira como a ocasião é vista pelos participantes pode variar; (d) as posições criadas para si e para os outros não fazem parte de uma (auto)biografia linear, sendo construída de fragmentos vivenciados ao longo do encontro; (e) as posições podem ser vistas em termos de papéis conhecidos ou podem ser efêmeras e envolver alternâncias de poder ou de determinadas identidades assumidas ou desejadas (Davies e Harré, 1990, p. 49).

A fluidez dos posicionamentos assumidos pelos sujeitos nas relações de interação acontece justamente por modificações constantes dos papéis sociais que desempenhamos ou deixamos de desempenhar. Vivemos numa constante mudança gerada por diversos fatores, dentre eles, as fases da vida (infância, adolescência, maturidade, velhice etc); e em cada uma dessas fases desempenhamos papéis diferentes em nossas relações sociais (família, escola, amigos) e que afetam diretamente a nossa forma de agir e pensar.

A Teoria do Posicionamento suscita também uma construção que acontece no momento da interação, na construção sempre atual e situada de *selves*, variável de acordo com os relacionamentos em curso (Davies e Harré, 1990). A partir de práticas discursivas, da negociação de posições, se constrói um *self* inacabado, ou ainda para a multiplicidade dos *selves*.

Quem sou eu? Seres humanos são caracterizados por identidades pessoais contínuas e por diversidade pessoal descontínua. É sempre a mesma pessoa que é posicionada em uma conversa. Contudo, por ser posicionado de forma variada, podemos dizer que a mesma pessoa experimenta e revela aspectos do *self* que estão envolvidos na continuidade de multiplicidade dos *selves*¹⁶ (Davies e Harré, 1999, p.36).

O conceito de posicionamento (Van Langenhove e Harré, 1999) é adotado na presente pesquisa como recurso analítico para o tratamento da construção das identidades, tanto pessoais quanto profissionais, bem como para a construção de posicionamentos discursivos juntamente com o conceito da indexicalidade e da teoria de *accounts* (v. seção 4.4.2).

4.1.3 Posicionamentos individuais e coletivos

O processo de inteligibilidade sobre os conceitos de posicionamentos reflexivo (Moghaddam, 1999) e interacional foram revisitados por Harré *et al.* (2009, p.19). Os autores aprofundaram o estudo sobre os posicionamentos a partir de um viés de ordem intrapessoal e entre grupos (*inter-group*).

Moghaddam (1999, p. 74) observa os posicionamentos reflexivos a partir de uma vertente discursiva cultural. Segundo ele, o posicionamento reflexivo refere-se ao processo que as pessoas utilizam para se posicionarem de forma individualmente, a partir de uma prática discursiva pessoal. A proposta avança sobre o discurso ativamente negociado pelos indivíduos a partir de formas narrativas familiares e que apontam para a subjetividade.

Além disso, os conceitos de *self* (*self-images*, *self-esteem*, *self-concept*) assumem um caráter mais dinâmico e de contínua mudança, a partir do contexto interacional. Em suas considerações sobre posicionamentos reflexivos, Moghaddam (1999, p. 75) sugere que a teoria de posicionamentos deve considerar que estas práticas são culturalmente ratificadas.

Na reformulação sobre posicionamentos intrapessoais, Harré *et al.* (2009, p.25) entendem que o posicionamento reflexivo está integralmente associado com sistemas normativos através de ideais culturais, que guiam as pessoas a se posi-

¹⁶ Who am I? Human beings are characterized both by continuous personal identities and by discontinuous personal diversity. It is one and the same person who is variously positioned in a conversation. Yet as variously positioned we may want to say that that very same person experiences and displays aspects of self that are involved in the continuity of a multiplicity of selves. (Davies e Harré, 1999, p.36)

cionarem em um dado contexto cultural. A expansão do conceito de posicionamento reflexivo foca nos conflitos de ordem intrapessoal, entre a perspectiva da consciência e a violação ou não de deveres em um embate entre a adoção de um posicionamento deliberado do *self* e a construção de identidade forçada do indivíduo.

A Teoria do Posicionamento também considera a construção de identidades entre grupos (*inter-group level*). Harré *et al.* (2009, p.26) apontam para um estudo sobre interação entre grupos envolvendo questões de conflito e harmonia a partir da mudança das práticas discursivas entre os indivíduos. Primeiramente, o conflito existe a partir de uma noção de nós *versus* eles, de *in-group* versus *out-group* (Ting-Toomey, 1999, p.147). A mudança ocorre a partir da utilização de pronomes e de formas metafóricas para se referir a grupos, nós e eles. Uma forma alternativa de posicionamento entre grupos culturais diferentes é, a partir da interação, enfatizar o caráter não comparativo, não competitivo entre os grupos, com avaliação positiva do outro e não com foco na diferença.

Snow (2001), que desenvolve reflexões em abordagem sociológica, contribui para o diálogo sobre a construção das identidades coletivas e sua interdependência com as identidades sociais e pessoais dos indivíduos. O autor sugere que a identidade coletiva possui uma natureza interativa e compartilhada que evoca, por meio de significados simbólicos, expressões e identidades construídas coletivamente.

Primeiramente, Snow (2001, p. 3) aponta para a dinâmica social das identidades coletivas, que podem ser movidas pelo compartilhamento emocional, cognitivo e social de condições socioculturais e socioeconômicas indicando um agrupamento histórico do espaço social. A identidade coletiva é um processo em que atores sociais reconhecem-se como parte de uma coletividade, dentro de um campo de ação e emergem no curso da dinâmica interacional e social (Snow, 2001, p. 4).

Juntamente com a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo, e o falecimento do estatismo, temos observado, na última metade do século, o surgimento de expressões poderosas de identidade coletiva que desafia a globalização e o cosmopolitismo em nome da cultura da singularidade e do controle das pessoas sobre suas vidas e sobre o meio¹⁷ (Castells, 1997, p.2).

¹⁷ Along with the technological revolution, the transformation of capitalism, and the demise of statism, we have experienced, in the last quarter of the century, the widespread surge of

Após o detalhamento da teoria de posicionamentos na ordem da psicologia social mediada por práticas discursivas (Harré *et al.*, 2009) e da inclusão do viés sociológico sobre identidades coletivas de Snow (2001), consideramos que as identidades podem ser construídas no/pelo discurso de forma individual, reflexiva ou coletiva como algo em processo, interacionalmente construídas e transitórias.

A relevância de se estabelecer comparações entre as construções de posicionamentos identitários pessoais e coletivos faz-se importante para a presente pesquisa, devido ao foco em dados de entrevistas realizadas com grupos de professores, como ferramenta metodológica para geração de dados (Cap.5).

Procuraremos, na análise dos dados, tratar de posicionamentos individuais e coletivos, a partir, sobretudo, das reflexões de ordem socioconstrucionista e sociointeracional de identidades pessoais e de grupo.

Nas seções subseqüentes, trataremos dos estudos sobre face, polidez e mitigação que contribuem para a análise da construção de posicionamentos identitários pessoais e de grupos.

4.2

Face e polidez no relacionamento interpessoal

O que se propõe na presente seção é estabelecer, *vis-à-vis* estudos da pragmática, como escolhas linguísticas refletem a forma como nos posicionamos e somos posicionados na ordem da interação, em uma constante teia de reciprocidade entre a construção do ser social e suas práticas discursivas em encontros face-a-face.

4.2.1

Face e polidez

O conceito de face (Goffman, 1967; 1980), enquanto imagem pública que se reivindica em um encontro social, é fundamental para a compreensão das estratégias discursivo interacionais a que recorrem os participantes durante a interação

powerful expressions of collective identity that challenge globalization and cosmopolitanism on behalf of cultural singularity and people's control over their lives and environment (Castells, 1997, p.2 *apud* Snow, 2001, p. 4).

face a face. Segundo (Goffman, 1967, p.5; 1980, p.76) o termo face pode ser definido como:

(...) o valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros pressupõem ser a linha por ela tomada durante uma situação social. A face é assim, uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados.

Um indivíduo pode ter ou manter uma determinada face quando esta apresenta uma imagem de si internamente consistente e que corresponde às expectativas da cena comunicativa. Pode-se também dizer que uma pessoa está na face errada ou ainda fora da face (Goffman, 1967, p.8). Uma pessoa apresenta-se na face errada quando o que é apresentado durante a interação sobre sua posição no mundo social não pode ser sustentado pela face por ela assumida durante a interação, quando há contradição. Já estar fora da face ocorre quando uma pessoa não está consciente da linha que conduzirá durante o processo de comunicação. As duas últimas formas de face podem fazer com que a pessoa sinta-se envergonhada ou inferior por se preocupar com o que possa acontecer com sua face social, enquanto participante da interação.

Segundo Pereira (1997, p.3), Goffman ainda estabelece orientação defensiva e protetora de face. Durante uma orientação defensiva, o falante procura salvar a própria face e na segunda orientação o falante visa salvar a face do outro. Sendo assim, Goffman (1967; 1980, p.84) propõe que haja um ponto de equilíbrio entre as duas orientações “ao tentar salvar a face de outros, deve-se escolher uma ação que não leve à perda da própria face. Ao se tentar salvar a própria face, deve-se considerar a perda de face que esta ação possa acarretar nos outros”.

O conceito de face, assim como o de polidez é um construto social e, por isso pode variar de cultura para cultura. Neste sentido, certas posições hierárquicas e sociais criam a expectativa que o participante adote uma determinada linha de conduta, que seria social e culturalmente apropriada para o papel que desempenha na interação. Consequentemente, esse interactante terá determinado repertório que poderá utilizar de modo a sustentar as expectativas sociais e tonar o ato comunicativo harmônico. Sendo assim, para que um determinado indivíduo empregue seu repertório de práticas de salvar a face, ele/ela deve, antes de tudo, compartilhar das interpretações que os outros possam ter de seus atos e das leis de polidez aceitas por determinado grupo sociocultural.

Brown e Levinson (1987, p.61-62) ampliam a abordagem de Goffman em relação ao conceito de face e propõem dois aspectos em relação a esta teoria que abarcam rituais positivos e negativos da face: (a) face negativa – que se caracteriza pela preservação do território, da pessoa, da sua liberdade de ação e da liberdade contra a imposição; (b) face positiva que é evidenciada pelo desejo de apreciação e de aprovação da imagem própria.

Com o objetivo de sistematizar a teoria da polidez, Brown e Levinson (1987) a define como um conjunto de estratégias conversacionais destinadas a evitar ou a diminuir conflitos que possam existir entre os participantes de uma interação face a face, ou seja, estratégias de proteção de face (Pereira, 1997, p.3).

A polidez tem como objetivo manter o comportamento respeitoso e harmônico durante o encontro social, a fim de que as faces de seus interactantes sejam mantidas durante a interação e a comunicação transcorra sem conflitos.

Uma vez que haja um ato de ameaça à face, com ação reparadora, é necessário que se lance mão de estratégias de polidez positiva e/ou negativa. Na polidez positiva, pode-se utilizar a estratégia de veicular que o ouvinte é interessante ao se exagerar na simpatia e aprovação, usar marcas de identidade de grupo para reivindicar pertencimento, buscar concordância de pontos de vista em comum. Por outro lado, na polidez negativa ocorre distância entre os interlocutores - desejo de liberdade de ação e de domínio do próprio território e se utilizam como estratégias a indiretividade, minimizar o que se assume como vontade do ouvinte, impessoalizar falante e ouvinte (Brown e Levinson, 1987, p.65-66).

Os mecanismos de polidez estariam, então, no cerne das necessidades sociais de manutenção do processo comunicativo pelos participantes, na preocupação dos interlocutores de preservar a face positiva em detrimento da negativa.

O conceito de mitigação proposto por Fraser (1980) relaciona-se com a noção de ameaça de face proposta por Brown e Levinson (1978), uma vez que o falante utiliza recursos linguísticos como estratégia para atenuar o efeito de uma elocução negativa sobre o ouvinte, na tentativa de defesa da própria face.

Há uma variedade de estratégias gerais através das quais um falante pode sinalizar sua intenção ao realizar um ato de ameaça à face. Ele pode sinalizar sua intenção diretamente, anunciando sua força ilocucionária ('Você poderia abrir a janela?'). Pode também sinalizar sua intenção usando uma forma sintática apropriada, tal como o imperativo em 'Abra a janela!' Nesse caso, a intenção geral do

falante é clara (o ato é um tipo de ato diretivo), mas a força ilocucionária específica não é, porque o imperativo podia ser interpretado pelo ouvinte como uma ordem, um comando ou uma advertência. Outra estratégia disponível para o falante é a de ser menos direto, o que consiste em usar um tipo de frase cuja forma não seja genericamente associada a um dado ato ilocucionário, e cuja interpretação dependa fortemente das circunstâncias sob as quais o ato é realizado.

Holmes (1984) apresenta em seu texto alguns recursos linguísticos que podem servir de estratégias para se modificar a força ilocucionária, envolvendo tanto o aumento quanto a atenuação positiva ou negativa de uma elocução. Esses recursos de modificação da força ilocucionária podem ser prosódicos, sintáticos, lexicais e discursivos, dependendo da intenção de reforçar-se ou abrandá-la como ato de fala.

Para Fraser (1980), itens lexicais, formas gramaticais e figuras de linguagem podem contribuir para amenizar um possível efeito negativo de uma elocução, por exemplo: o uso da voz passiva, indicando indiretividade, impessoalidade e ausência de agentividade; orações condicionais; alguns advérbios e verbos modais epistêmicos; *parenthetical verbs* (Urmson, 1952 *apud* Fraser, 1980, p.348), como, por exemplo, *realize, suspect, believe, think, assume, hope, guess, feel*; perguntas tag (*tag questions*), seguidas de elementos prosódicos como a entonação, que têm como objetivo confirmar ou questionar alguma coisa e figuras de linguagem como as metáforas.

Fraser (1980, p.342) define como mitigação a modificação de um ato de fala a fim de reduzir o efeito de uma elocução inesperada ou indesejada para o ouvinte, implicando no princípio da polidez.

Fraser (1980, p.342-344) indica quatro motivações para a mitigação, são eles: (i) fazer uma crítica de forma aceitável, satisfatória; suavizar uma má notícia ou amenizar uma ordem; (ii) modificar apenas aspectos que podem causar efeitos desagradáveis para o ouvinte; (iii) mitigar um agradecimento, sem que se diminua a importância do ato de quem agiu de forma positiva; (iv) mitigação não é a mesma coisa que polidez. Enquanto mitigação pretende atenuar a intensidade de um ato de fala indesejável, polidez, por outro lado, depende do quão apropriado foi a o ato de fala mediante o contrato contextual estabelecido entre falante e ouvinte (Fraser, 1980, p.343).

Além dos aspectos indicados acima, Fraser (1980, p.345) considera duas categorias motivadoras para a mitigação: auto-serviço (*self-serving*) e altruísmo (*altruistic*). A mitigação de auto-serviço está relacionada ao efeito que um ato ilocucionário proferido pelo falante pode exercer sobre o ouvinte, logo o falante busca amenizar sua elocução a fim de salvar a própria face.

Já a mitigação altruística tem como objetivo minimizar o efeito que uma elocução pode causar ao ouvinte, sem a preocupação com a face do falante, demonstrando solidariedade ao interlocutor. A atenuação de um ato de fala, mitigação, pode ser vista como uma estratégia que contribui para a manutenção da relação falante/ouvinte, para diminuir a distância social entre os participantes da interação.

Em ambas as motivações para a realização de uma mitigação, a participação ativa do ouvinte é essencial. Quando a mensagem pretendida é menos explícita, o ouvinte deve utilizar pistas contextuais (conversas passadas, conhecimentos de mundo, identidade do falante, etc.) a fim de aumentar a compreensão. No entanto, apesar da crescente responsabilidade do ouvinte sobre a interpretação, esta não diminui a importância do falante e do relacionamento ou contrato estabelecido por eles durante a interação (Fraser, 1980, p.346).

4.3

Indexais, *accounts* e metáforas como instrumento teórico e analítico

A presente seção busca articular o estudo sobre indexais, *accounts* e metáforas enquanto pistas de contextualização e instrumental teórico e analítico para acessar a construção de posicionamentos em um emaranhado de ferramentas retóricas.

Bucholtz e Hall (2005, p.594-598) destacam a relação entre a manifestação de posições, em um estudo sobre princípios em relação ao tratamento interacional de identidades socioculturais, e os indexais como fatores que contribuem para a análise de construção identitária em situações de interação face-a-face. Segundo as autoras, um indexal é uma forma linguística que depende do contexto interacional para a construção de significado, abarcando formas linguísticas e significado social.

O valor indexical não está somente em certas categorias linguísticas, eleitas como termos dêíticos (eu, você, aqui, lá, agora, etc.). A indexicalidade constitui-se como veículos para práticas culturais e para associações entre linguagem e identidade, baseadas em crenças e valores socialmente construídos produzidos pelo indivíduo na/pela linguagem (Duranti, 1997, p.38).

Identidade pode ser discursivamente produzida e emerge através de processos indexais, tais como:

(a) clara menção a categorias identitárias e rótulos; (b) implicaturas e pressuposições em relação a posição identitária de um ou de outro; (c) orientações avaliativas e epistêmicas exibidas para a fala em interação, assim como *footing* interacionais e papéis participativos; (d) o uso de estruturas e sistemas linguísticos que são ideologicamente associados a pessoas e grupos específicos¹⁸ (Bucholtz e Hall, 2005, p.594).

Na seção a seguir trataremos de indexais e o fenômeno da dêixis como de pistas de contextualização (Gumperz, 1998, p.74) que compreende a atividade comunicativa, o conteúdo semântico e a referência ou ligação do discurso com o que o precede ou segue. Estas pistas são condicionadas ao processo e ao contexto onde o discurso ocorreu, ou está ocorrendo.

Todos estes conceitos servirão de pistas contextuais que embasam a construção dos posicionamentos individuais e coletivos dos participantes das entrevistas a partir de um paradigma interacional de construção de identidades.

4.3.1

Indexais e o fenômeno da dêixis

Os indexais, ou o fenômeno da dêixis, estão relacionados ao estudo que sinaliza mecanismos ou indicadores de subjetividade (Benevistes, 2005) com o objetivo de mapear traços do contexto de enunciação ou do evento de fala. Levinson (2007) caracteriza a dêixis como um fenômeno que permite que os sujeitos envolvidos na interação interpretem o enunciado baseado no compartilhamento de pressupostos socialmente e linguisticamente construídos.

¹⁸ overt mention of identity categories and labels; (b) implicatures and presuppositions regarding one's own or other's identity position; (c) displayed evaluative and epistemic orientations to ongoing talk, as well as interactional footings and participant roles; and (c) the use of linguistic structures and systems that are ideologically associated with specific personas and groups.

Os pronomes, em geral, são exemplos de mecanismos dêiticos que dependem do contexto, visto que não contém um significado padronizado interno à gramática da língua. Levinson (2007, p.75) categoriza os elementos dêiticos como sendo de pessoa, lugar e tempo. Sendo a dêixis de pessoa relacionada ao papel dos participantes do ato discursivo, a dêixis de lugar diz respeito às codificações de localizações espaciais dos participantes, os dêiticos demonstrativos. Já a dêixis de tempo refere-se à localização espacial “ancoradas no tempo da enunciação”, são eles os advérbios de tempo.

Um dos papéis deste estudo, de natureza pragmática, é a preocupação em como as pessoas utilizam a linguagem para construir o mundo social e como estas contribuem para o processo de construção de identidades sociais, a partir da manifestação de pistas linguístico-discursivas, por parte dos participantes envolvidos em situações comunicativas. Com isso, a fim de complementar a presença de elementos dêiticos no discurso, Levinson (2007), a partir de leituras de Fillmore (1971) e Lyons (1977), acrescenta a dêixis de discurso e a dêixis social aos mecanismos já citados. A dêixis de discurso remete a elementos que precedem ou que são subsequentes do discurso e a social designa papéis sociais dos participantes em um contexto enunciativo.

Sabemos que o discurso é uma forma de agir dialogicamente sobre si e sobre o outro no mundo, mediado por fatores sociais (referente aos papéis que assumimos ao nos relacionarmos como seres sociais e às estruturas políticas que possam ser refletidas a partir dessas), culturais e históricos (Fairclough, 2001, p.90). Sendo assim, a dêixis social aponta para aspectos da estrutura da língua que “codificam as identidades sociais dos participantes ou a relação social entre eles, ou entre um deles e pessoas ou entidades que se fez referência” (Levinson, 2007, p.111).

De Fina (2011, p.269) aponta também para a importância dos indexais como pistas linguísticas construídas no/pelo discurso em interação contribuindo para a construção de identidades. Segundo a autora, a indexicalidade associa o discurso a elementos extralinguísticos apontando para variados aspectos do contexto social e, conseqüentemente, auxiliando na construção de identidades. Segundo ela, as escolhas pronominais são detentoras de propriedades semântico-estruturais que, manipuladas, podem levar a significados implícitos.

Ao analisar o emprego dos pronomes na construção de identidades, De Fina (2011, p.270) aponta para alguns aspectos de análise: (a) a presença ou ausência de diferentes formas pronominais; (b) número de ocorrências de cada pronome; (c) consistência de referência de cada pronome; (c) ambientes textuais dos pronomes, tais como: predicados associados a ele e relações estabelecidas com outros pronomes ou frases substantivadas.

Para a presente pesquisa, indexais relacionam linguagem e ideologia, de um lado, e linguagem e identidade, de outro. Para Pereira e Cortez (2013) e Bucholtz e Hall (2005, p.593-94), a indexabilidade é fundamental para a construção de posições identitárias, pois possui *links* semióticos entre formas linguísticas e significados sociais, envolvendo pessoas e grupos.

Trataremos da teoria de *accounts* e *accounts* narrativos como formas discursivas que indexam a natureza coconstruída de posicionamentos identitários, incluindo a utilização de metáforas como pistas atuantes na construção de significados pragmáticos para esta tessitura.

4.3.2 Accounts explicativos e narrativos

Baseada no texto de Pomerantz (1984), De Fina (2009, p.239) apresenta o conceito de *accounts*, na tradição da Análise da Conversa, enquanto atos despreferidos do comportamento social, interacionais e sociais de ameaça à face.

Também consideradas pistas de contextualização, as *accounts* podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório de cada participante situado e determinado historicamente (Gumperz, 1998, p. 77). Por serem socialmente convencionadas, tais pistas têm valor sinalizador quando organizadas e negociadas na interação entre participantes que manifestam seu conhecimento de mundo ou conhecimento tácito, construído e partilhado social e culturalmente.

Caso um dos participantes não reconheça tais pistas contextuais pode haver divergências de interpretação e mal-entendidos, gerando uma reação em termos de atitude ou postura. Estas falhas de comunicação levam a julgamentos errôneos acerca da intenção do falante, visto que um dos participantes não compartilha dos processos inferenciais que podem estar ligados a questões socioculturais e situacionais específicas (Gumperz, 1998, p. 78).

Para a presente pesquisa, *accounts* são importantes na construção de identidades dos participantes, no contexto da entrevista de pesquisa, em situações de vulnerabilidade das faces, com grupos de professores brasileiros e ingleses, no âmbito da instituição.

Segundo Scott e Lyman (1968, p. 46), *accounts* são declarações feitas por um ator social para explicar comportamentos inesperados ou imprevistos do próprio falante ou do interlocutor.

Os autores (1968, p.47) salientam que, apesar de muitas definições sobre o conceito de *accounts* se aproximarem ao de explicações, ou seja, “sobre eventos em que o comportamento inconveniente não é tido como problema e não oferece implicações críticas ao relacionamento”¹⁹, em seu texto, eles darão ênfase ao conceito de *accounts* enquanto formas linguísticas reparadoras utilizadas quando acontece uma ação imprevista, com a intenção de preservar a interação.

Segundo Scott e Lyman (1968, p.46), *accounts* são pistas linguísticas empregadas sempre que uma ação é sujeita a um julgamento de valor. A função destas pistas é minimizar os conflitos ou mal-entendidos que possam vir a acontecer em um diálogo, entre a expectativa do que se espera ser dito e o que acontece realmente.

Mediante esse conceito de *accounts*, podemos relacionar sua natureza com as estratégias de ameaça e proteção de face (Goffman, 1967; Brown e Levinson, 1987) desenvolvidas na seção 4.2.1.

Há, nos estudos de Scott e Lyman (1968), especificação para a natureza das *accounts*: desculpas (*excuses*) e justificativas (*justification*), relacionadas a situações de desconforto social, em que alguém é acusado de ter feito algo inadequado ou inesperado.

Desculpas são tipos de *accounts* socialmente aprovados, como forma de remediar algo errôneo ou de eximir-se de responsabilidade. Ainda seguindo o caráter de desculpas das *accounts*, estes podem ainda ser subdivididos em: desculpas como forma de apelo a um acidente, apelo à revogação, apelo às condutas biológicas, e “bode expiatório”²⁰ (Scott e Lyman, 1968, p.49-50). Cada uma destas

¹⁹ “Explanations about events where the untoward action is not an issue and does not have critical implications for a relationship”.

²⁰ Tradução da própria pesquisadora por não ter encontrado termo correspondente na língua portuguesa.

classificações de *accounts* tem em comum a natureza socialmente aprovada destas, que neutraliza o ato “inapropriado” e sua possível consequência. Diferentemente das *accounts* que caracterizam desculpas, as que indicam justificativas se referem a atos inadmissíveis, ou socialmente inadequados, mas que reivindicam que a ocasião, particularmente, permitia ou pedia determinada ação.

Além das diferentes situações em que *accounts* surgem, há também os estilos linguísticos com a forma mais adequada em que uma *account* deve ser utilizada dependendo do encontro social em questão. Os cinco estilos se entrecruzam e não são facilmente dissociáveis no dia-a-dia sendo classificados como: estilos íntimos ou familiares, casuais, consultivo, formal e estilo invisível²¹ (Scott e Lyman, 1968, p. 55). Os nomes dados a estes estilos de *accounts* sugerem uma escala ordenada em grau decrescente de intimidade social entre as pessoas.

Tendo mencionado as diferentes formas linguísticas em que os *accounts* podem se incluir, percebe-se que todos farão referência ao ambiente social e às interações entre os interactantes em uma determinada situação de encontro, e o nível de sociabilidade entre estes. Sendo assim, a noção de encontro social (Goffman, 2002b) e de construção de *accounts*, a partir da interação entre interactantes que compartilham da mesma compreensão de realidade, ou que fazem parte da mesma comunidade de prática (Wenger, 1998; Hollmes e Meyerhoff, 1999), pode sugerir que *accounts* funcionem como possível pista linguística contribuindo para a negociação de posicionamentos e de construção de identidades (Scott e Lyman, 1968, p.58).

Scott e Lyman (1968) argumentam também que *accounts* acontecem entre pessoas que assumem um determinado papel social, como por exemplo: marido e mulher, paciente e médico, aluno e professor. Baseado nestes papéis é que as *accounts* são proferidas e as identidades do falante e do ouvinte serão negociadas internacionalmente como parte deste encontro social.

Account é uma manifestação de uma negociação de identidades subjacente. Os termos “identidades” e “papéis” podem ser utilizados como sinônimos visto que papéis são identidades motivadas de forma situada; enquanto o papel é sempre si-

²¹ Tradução da própria pesquisadora por não ter encontrado termo correspondente na língua portuguesa.

tuacionalmente específico, identidades são trans-situacionais²² (Scott e Lyman, 1968, p.59).

Em contrapartida, uma identidade pode passar por uma situação de conflito, necessitando renegociação. Uma vez que o encontro já está em curso, identidades já foram pré-estabelecidas e os interactantes já se comportam, de forma localizada, de acordo com aquele papel social. A troca de papéis pode ser vista como um complicador da interação, o que pode limitar as possíveis *accounts* de uma interação, ou ainda colocar em dúvida o comprometimento que o interactante tinha com uma identidade anterior. Por outro lado, o ouvinte desta *account* pode reinterpretar as declarações, assumindo que os indivíduos constroem identidades múltiplas capazes de serem alteradas de forma tácita ou voluntariamente (Scott e Lyman, 1968, p.60).

Utilizando exemplos provenientes do contexto de entrevista, Scott e Lyman (1968, p.61) apontam o caráter interacional e negociado das relações das quais emergem *accounts*. Além disso, o caráter interacional pressupõe a coconstrução de identidades, a renegociação das mesmas, a mudança de posicionamentos e, conseqüentemente, a natureza fluida e instável das *accounts* e das identidades por ele construídas.

Outra definição para o conceito de *accounts* é proposta por Buttny e Morris (2001, p.286), que classificam *accounts* como a forma de nos explicamos para os outros. Eles distinguem “*accounts* para ações” de “*accounts* de ações”. *Accounts* para ações é reconhecido como *accounts* que envolvem alguma espécie de fala reparadora, como sugerido por Scott e Lyman (1968), para um ato problemático ou uma resposta a um questionamento. Em sua visão, *accounts* de ações estaria ligada a como o ator aceita os eventos em que está envolvido, como relacionamentos, crises pessoais, mudanças de vida. Ambas as abordagens partilham o interesse de como as pessoas contam suas histórias, que são interpretadas e reconstruídas através da fala em interação.

Buttny e Morris (2001, p. 287) acrescentam à visão de Scott e Lyman (1968) a noção de *accounts* como narrativas. A abordagem de *accounts*, enquanto forma

²² Every account is a manifestation of the underlying negotiation of identities. The term “identities” and “roles” may be used as synonymous in that roles are identities mobilized in a specific situation; whereas role is always situationally specific, identities are trans-situations (Scott e Lyman, 1968, p.59).

de narrativa, indica a necessidade das pessoas de dar explicação e sentido a suas vidas, especialmente em momentos de *stress* ou trauma. Sendo assim, baseado nas suposições acima, ainda que reconhecida como uma forma de narrativa, o conceito de *accounts* é apresentado como ação social regulada e restringida por regras sociais que deve ser alcançada colaborativamente entre os interlocutores.

A concepção de *account* proposta por Scott e Lyman (1968) converge com a de Buttny e Morris uma vez que, em ambas as definições, os autores propõem que *accounts* são expressas através de desculpas ou justificativas, que irão variar de acordo com o grau de proximidade dos interactantes e da comunidade que representam, sendo coconstruídos durante uma situação de interação em que um dos interactantes se sente ameaçado ou tenha violado regras sociais pré-determinadas.

Devido às regras sociointeracionais e localizadas em que *accounts* acontecem, podemos dizer que a relação entre o falante e o ouvinte é negociada e construída, tecendo ligações com outros movimentos interacionais como a teoria de proteção de face, polidez e mitigação. Segundo Buttny e Morris (2001, p.290-292), *accounts* acontecem enquanto respostas a condições de incerteza, ou de desalinhamento prático ou moral com outros, aumentando a importância do contexto para que um *account* seja examinado.

Sendo assim, o fracasso da compreensão de um *account* pelo ouvinte pode gerar uma situação de ameaça de face tanto para o ouvinte quanto para o falante. A fim de evitar o desgaste da interação, o falante lança mão de estratégias de mitigação a fim de minimizar o caráter ameaçador ou inesperado da *account*, atuando como uma estratégia de proteção da própria face.

A literatura sobre narrativa geralmente utiliza-se do termo *accounts* para explicar a meta-narrativa. No entanto, pouco é desenvolvido sobre o termo *accounts* e sua ligação com as narrativas. Tendo desenvolvido o aporte teórico sobre a natureza das narrativas e do gênero narrativo, De Fina (2009, p.239) apresenta uma perspectiva interacional para a narrativa em entrevista, começando com a apresentação de *accounts* narrativos.

A autora propõe que as narrativas produzidas em entrevistas devem ser consideradas como eventos interacionais e que, como tal, devem ser analisadas a partir do contexto, já que estas narrativas se constroem pelo contexto e no contexto, incluindo *accounts* como um gênero narrativo.

Os estudos de De Fina (2009, p.238) legitimam a natureza coconstruída e co-avaliativa das narrativas, modificadas na e pela interação com a audiência, caráter esse que vai além da concepção de narrativas monológicas e fixamente organizada.

Em uma situação em que *accounts* são produzidos, o interlocutor, mais do que o narrador, tem a responsabilidade de avaliar a validade e adequação da narrativa no contexto (De Fina, 2009, p.240). Neste sentido, compreendendo que *accounts* são dadas quando uma avaliação do interlocutor é esperada, percebe-se o caráter explicativo e dialógico no contexto da entrevista e na coconstrução da narrativa, a partir da relação entre os interactantes.

Em seu estudo, De Fina (2011, p.253) traz à luz o termo *accounts* narrativos baseados em: (a) resumos de experiências construídas para responder explícita ou implicitamente a questões de caráter avaliativo postuladas pelo entrevistador; (b) explicações; (c) são desenvolvidas considerando-se o receptor; (d) são orientadas a fim de apresentar fatos; (e) sua estrutura varia, uma vez que emerge como resultado de perguntas específicas e do relacionamento estabelecido pelos interlocutores.

Para a presente pesquisa, é pertinente ressaltar a definição de *accounts* narrativos enquanto formas avaliativas que emergem no contexto de perguntas entre entrevistados e entrevistadores.

4.3.3 Metáforas

Na presente pesquisa, é importante considerarmos a metáfora como recurso de posicionamento e de construção do *self*, por sua utilização entre os participantes, em contextos de entre-lugar institucional e sociocultural. A fim de focarmos na metáfora e em seu papel enquanto estratégia de construção de posicionamentos identitários, assumimos a ordem da interação e em como são construídas em posicionamentos (Langenhove e Harré, 1999) e em projeções de *self* (Goffman, 2002a).

Van Langenhove e Harré (1999, p.23), ao comentarem situações de posicionamento intencional, argumentam que imagens e metáforas podem ser utilizadas para indicar que um indivíduo se posicionou ou posicionou o outro (v. seção

4.1.1). Os autores (1999, p.40) utilizam a teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980) ao considerarem que as metáforas estruturam a forma como compreendemos a realidade.

A discussão acerca do papel linguístico e discursivo da metáfora pode ser feita também à luz de diferentes aportes teóricos assumidos por pesquisadores em contextos históricos e sociais. Utilizaremos estudos com o enfoque da teoria cognitiva, da análise crítica do discurso e da linha francesa de análise de discurso, em postura pós-colonial, como forma de reflexão, para buscarmos ver de que forma as propostas podem dialogar com a perspectiva de ordem sociocultural interacional, com posicionamentos e projeções do eu, no contexto da entrevista de pesquisa.

Segundo os estudos de Lakoff e Johnson (1980, p.46-48), vivemos por meio de metáforas, ou seja, o nosso sistema conceitual mental tem um papel essencial na definição de nossa realidade diária. O que experienciamos, vivemos, pensamos e fazemos todos os dias só pode ser expresso e só faz sentido se apresentado a partir de metáforas.

Para os autores (1980, p. 59-69 e 76), as metáforas podem ser de natureza ontológica, estruturais e orientacionais. As metáforas primeiras são formas de conceber eventos, atividades, ideias como entidades e substâncias; (b) as metáforas estruturais são aquelas que definem um conceito estruturado em termos de outros, por exemplo: pessoas são animais; (c) já as metáforas orientacionais organizam todo o sistema de conceitos em relação a um outro a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, por isso, não são construídas ao acaso.

Seguindo um viés da análise crítica do discurso, Fairclough (2001) comenta que a metaforização da realidade reflete um aspecto da mudança discursiva com implicações culturais e sociais significativas. Segundo o autor, metáforas são:

(...) tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura, que as pessoas não apenas deixam de percebê-las, como consideram extremamente difícil fugir delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando se chama atenção para isso (Fairclough, 2001, p.241).

Na abordagem da linha francesa, em postura pós-colonial, Grigoletto (2000, p.14), ancorada pelos estudos de Pêcheux (1969), discorre sobre a essência de uma metáfora em termos ideológicos e políticos. Segundo esta linha, a metáfora

ajuda a compreender uma determinada expressão a partir de um processo de deslizamento de sentidos no discurso por substituição de termos e expressões. A partir do compartilhamento de sistemas conceituais, socioculturalmente e ideologicamente construídos, é que a interpretação do significado comunicativo de uma metáfora pode ser compreendido.

Por essa razão, as metáforas devem ser entendidas não de maneira literal, balizadas e cristalizadas em estabilidades conceituais, mas sim como *deslize* ou *transferência* de sentidos, presente, de forma híbrida, em todo o processo discursivo e localmente situado.

Martins (2006, p.140) recorre à filosofia de Wittgenstein (1969), uma versão de relativismo conceitual, que não será detalhada nesta pesquisa, para definir metáforas como um tipo de prática de “entrelaçamento de jogos da linguagem²³”. Com isso, na perspectiva de Wittgenstein a existência humana é linguisticamente articulada, considerando que nossas práticas linguísticas e não linguísticas são mutualmente interligadas. As metáforas estão impregnadas em nossas formas de vida, apesar de nem sempre serem notadas, elas influenciam. Ao mesmo tempo em que as metáforas influenciam o âmbito sociocultural, ideológico, intrapessoal e interpessoal em uma comunidade, seu relativismo permite que elas sejam também dependentes desta determinada cultura e situação, sujeita às questões sociais, culturais contextuais, etc locais.

O viés teórico sugerido por Lakoff e Johnson (1980) funcionará como instrumento de análise para a presente pesquisa, porém com algumas limitações, visto que este campo de estudo não estabelece ligações entre os sistemas mentais e o funcionamento discursivo da linguagem, necessariamente constituído na relação da estrutura linguística situada e produzida histórica e socialmente por indivíduos.

Sendo assim, articularemos a abordagem sugerida por Lakoff e Johnson (1980), e as considerações da linha francesa, por entendermos que ambos os estudos sobre as metáforas contribuem para esta pesquisa e fornecem instrumental teórico para a análise das construções identitárias no/pelo discurso.

Alguns dos trechos escolhidos para a análise dos dados gerados serão estudados à luz de construções metafóricas, para a interpretação e coconstrução de posicionamentos identitários.

²³ Tradução livre da autora da pesquisa para o termo “*intercrossing language games*”.

Neste capítulo apresentamos o aporte teórico e analítico que sustentará a análise dos dados gerados para esta pesquisa. Ao utilizarmos o discurso para nos posicionarmos utilizamos ferramentas retóricas para alcançar o objetivo da interação. Para isso, compreender os estudos sobre face e polidez, o uso dos indexais, *accounts* e metáforas enquanto práticas discursivas é reconhecer nestes instrumental para acessar o que se diz ou quer dizer. A forma como uma pessoa é posicionada e se posiciona é relevante para o entendimento do que se diz ou do que se faz, pois existe um inter-relacionamento entre a teoria do posicionamento e a força do ato ilocucionário que influi na interpretação do significado social do que foi dito.

No capítulo subsequente será apresentada a metodologia desta pesquisa, incluindo um estudo sobre a entrevista de pesquisa, a coconstrução dos participantes em entrevista de pesquisa, o contexto da pesquisa e a apresentação de seus participantes.